



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

MUDARAM ELES OU A TEOLOGIA?

Marcos Roberto Inhauser

No final dos anos 70 e início dos oitenta, quem se atrevesse a afirmar ser possível o diálogo entre fé e política era taxado de comunista. O tema era proibido nas igrejas e julgado como concessão marxista que a Teologia da Libertação fazia, a qual era considerada como marxismo travestido de teologia.

Nesta época eu aceitava, escrevia e ensinava que a fé é política (porque leva as pessoas a um determinado tipo de comportamento no seu convívio social e isto é política), não escapei dos rótulos destes tempos. Fui criticado, massacrado e demonizado pelos “defensores da ortodoxia” que estavam de plantão.

Hoje, quando olho para o cenário político brasileiro, descubro que vários dos algozes dos anos 80 são deputados federais, estaduais, vereadores, prefeitos ou assessores de parlamentar. Não bastasse isto, usam argumentos que antes condenavam para fundamentar a nova postura: o cristão deve ser sal da terra, luz do mundo e fermento no meio da massa. Estes argumentos usávamos e eles nos condenavam dizendo que fazíamos leitura materialista da Bíblia.

Há poucos dias ouvi uma palestra de um desses algozes dos anos 80, maravilhado com a participação dos evangélicos nos votos aos partidos de esquerda. Junto com outros neoconvertidos a politicólogos evangélicos, estão a defender a compatibilidade entre a fé e o ideário dos partidos políticos de esquerda, de centro e de direita.

Não posso, diante disto, furtar-me à pergunta: mudou a teologia ou mudaram as pessoas?

Digo isto para mostrar como a “nossa verdade”, a “nossa ortodoxia” é fruto circunstancial. O momento histórico e econômico influem na maneira de entender a Bíblia. A leitura bíblica isenta, pura, asséptica, imparcial e desapaixonada é tarefa inglória.

A leitura com conteúdo político dos textos bíblicos que se fazia nos anos 80 estava marcada pelas circunstâncias de uma adolescência rebelde com o status-quo, por um idealismo que via no projeto socialista a concretização do Reino de Deus, pela impetuosidade de temperamentos realizadores, pela característica de não fugir dos riscos e lutas.

A leitura feita pelos acusadores estava influenciada por uma teologia dualista e maniqueísta, que concebia o mundo em pares de opostos, eticamente valorizados: céu e inferno, sagrado e profano, fé e política, comunismo e capitalismo, conservador e revolucionário. Esta visão reducionista não possibilitava uma compreensão do mundo que fosse mais ampla e flexível.

Porque assim somos, devemos estar atentos e abertos à novidade, à crítica, ao confronto das ideias. Alguns dos sinais mais evidentes da imaturidade cristã são o radicalismo, a intransigência e inflexibilidade nas convicções. Não é para menos que Paulo nos deixou uma regra áurea, tantas vezes esquecida: “examinar de tudo e reter o que é bom”.

Há poucos dias presenciei “um dono da verdade” criticando um determinado teólogo brasileiro, acusando-o das mais variadas coisas. Uma das pessoas perguntou-lhe qual dos livros do teólogo o “dono da verdade” havia lido. Do alto da arrogância típica dos imaturos e ignorantes, ele disse: “Nenhum; não tenho tempo para ler besteiras”.

Assim eram os algozes dos anos 80. Criticavam-nos, acusavam-nos, mas não se davam ao “luxo de perder tempo” para entender o que estávamos dizendo. Quinze anos depois, pensam que descobriram a roda.